

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ
Pró-Reitoria de Extensão e Cultura
Museu Dinâmico Interdisciplinar

Projeto de Extensão Música, Poesia e Cidadania

GRUPO ABATECATU



Marcia Clotilde Facci Capeletti DAU/UEM
Enéias Ramos de Oliveira DCU/UEM
José Ribeiro da Costa MUDI/UEM
Marilaine Corrêa Tenório Calvi MUDI/UEM

DISPARADA (JAIR RODRIGUES - Geraldo Vandré e Théo de Barros – 1966)

Prepare o seu coração
Pras coisas que eu vou contar
Eu venho lá do sertão
Eu venho lá do sertão
Eu venho lá do sertão
E posso não lhe agradar
Aprendi a dizer não, ver a morte sem chorar
E a morte, o destino, tudo,
A morte e o destino, tudo
Estava fora do lugar, eu vivo prá consertar
Na boiada já fui boi, mas um dia me montei
Não por um motivo meu,
Ou de quem comigo houvesse
Que qualquer querer tivesse,
Porém, por necessidade
Do dono de uma boiada
Cujo vaqueiro morreu

Fala (Enéias) Para falar de cidadania, é preciso reconhecê-la antes para os primeiros habitantes da nossa terra.

FRAGMENTOS (adaptado do livro Krahô - Os Filhos da Terra - de Orlando Villas Boas) e **CARA DE ÍNDIO** (Djavan)

FRAGMENTOS

Há quinhentos anos eram 5 milhões

Cada um em sua oca,

Cada oca em sua taba,

Cada taba em sua mata.

Cada rio, cada peixe, cada bicho... bicho.

Um por todos e todo mundo nu.

Hoje são 250 mil

Mataram milhões de tristeza e solidão,

Na bala, no chicote, na humilhação,

Índio foi queimado vivo, quando dormiu.

Índio comeu peixe poluído do rio.

Índio foi morar numa favela do Rio.

Mudar o presente,

Olhar o passado.

Erros cometidos, agora evitados.

Estereótipo, preguiça,

Incapacidade e inferioridade.

Caldo de cultura, preconceito.

Mais de quinhentos anos...

E não aprendemos a lição de COEXISTIR.

Ignorar outra cultura,

É destruir o mosaico da essência humana.

Para o índio, o idoso é o dono da história,

O homem é o dono da aldeia,

A mulher, a dona da tradição.

E a criança...

A criança é a dona do mundo.



CARA DE ÍNDIO (Djavan)

Índio cara pálida, cara de índio.
Índio cara pálida, cara de índio.
Sua ação é válida, meu caro índio.
Sua ação é válida, meu caro índio.
Nessa terra tudo dá, terra de índio.
Nessa terra tudo dá, não para o índio.
Quando alguém puder plantar, quem sabe índio.
Quando alguém puder plantar, não é índio
Índio quer se nomear, nome de índio.
Índio quer se nomear, duvido índio.
Isso pode demorar, te cuida índio.
Isso pode demorar, coisa de índio.
Índio sua pipoca, tá pouca índio.
Índio quer pipoca, te toca índio.
Se o índio se tocar, touca de índio.
Se o índio toca, não chove índio.
Se quer abrir a boca, pra sorrir índio.
Se quer abrir a boca, na toca índio.
A minha também ta pouca, cota de índio.
Apesar da minha roupa, também sou índio.



Fala (Enéias) Preconceito. Uma doença ou um comportamento ignorante. Até quando ele permanecerá entre nós?

NEGRO (Marcia Capelette) e A BANCA DO DISTINTO (Billy Blanco)

Negro,
De negro vento soprando na cara
Como a lembrar o passado tão negro.
Negro,
De braços fortes e ombros largos
E, se eram fracos,
Fortes haveriam de ficar
Na lida diária da terra e do pesar.
Mãos poderosas que plantaram sementes
Colheram as dores
Ouviram rumores
De guerra e de amores...
Amores sem tempo
Sem vento e sem sol;
Curtidos ao léu
De uma morada sem céu.
Negro,
De luta e de dor,
Cantiga e sabor
Da terra molhada
Curtida e plantada
Ao sabor do suor
Das rezas e danças,
Pequenas lembranças
Da terra natal.
Negro,
De raça e de cor
Das penas do amor
Que o mundo negou.



A banca do distinto

**Não fala com pobre, não dá mão a preto
Não carrega embrulho
Pra que tanta pose, doutor
Pra que esse orgulho
A bruxa que é cega esbarra na gente
E a vida estanca
O enfarte lhe pega, doutor
E acaba essa banca
A vaidade é assim, põe o bobo no alto
E retira a escada
Mas fica por perto esperando sentada
Mais cedo ou mais tarde ele acaba no chão
Mais alto o coqueiro, maior é o tombo do coco
afinal
Todo mundo é igual quando a vida termina
Com terra em cima e na horizontal**



Fala (Enéias) Direitos humanos envolvem também a luta das mulheres pela igualdade.
MULHER (Marcia Capelette) e **FILHA DO SOL** (Mari Tenório)



Numa folha amarelada
Cabe toda sua história
Nem grande, nem pequena,
Do tamanho merecido.
Frágil na aparência
Violentamente grande na essência.
Suporte para todas as dores
Desejos em todas as cores.
Vaidosa e guerreira
Sorri faceira,
Mesmo que da morte esteja à beira.
Flores no caminho faz nascer
Reza e pede a Deus para ver o filho crescer.
Taxada de “sexo frágil”
Somente depois de dura luta
Conseguiu o direito ao sufrágio.
Tirou o pé da cozinha
Botou a coragem na fábrica
Seu lugar ninguém ocupou,
Uma tarefa a mais abraçou.
Cobrada, acuada,
Politicamente abusada,
Profissionalmente explorada.
Se sua força era pouca,
E sua voz era rouca,
Para quê ganhar o mesmo
Se só iria gritar a esmo?
Mulher...“Divina e graciosa...
estátua majestosa!”

FILHA DO SOL

O sol doura minha pele
Morena de cor
O meu olhar é lança e vai
Vai fazer eu chegar lá
Minha alegria
É que dá o tom
Pro meu falar, pro meu cantar
Coragem não faltará
Guerreira eu sou
Sou filha do sol
Meu futuro eu moldo
Com as minhas próprias mãos
Meu coração me guia
Esqueço a razão
E mesmo se eu tropeçar
Sei que posso chegar lá
Este sorriso eu levo
Não vou me abalar
Nem aceitar o jugo que
Alguém tentar me impor
Guerreira eu sou
Sou filha do sol
Meu futuro eu moldo
Com as minhas próprias mãos
Livre das amarras eu sigo a cantar
E quem quiser me acompanhar
Basta querer se libertar
Guerreira eu sou
Sou filha do sol
Meu futuro eu moldo
Com as minhas próprias mãos



Fala (Enéias): O Universalismo que queremos hoje é aquele que tenha como ponto em comum a dignidade humana. A partir daí, surgem muitas diferenças que devem ser respeitadas. Boaventura de Sousa Santos escreveu: “Temos o direito de ser iguais sempre que a diferença nos inferioriza. Temos o direito de ser diferentes sempre que a igualdade nos descaracteriza.”

LENTES NOVAS (Lia Sambatti) e **TEM POUCA DIFERENÇA** (Luiz Gonzaga)

Precisei trocar as lentes
Meus olhos estão cansados,
Meus olhos, enevoados...
E assim fiquei pensando
Gastei meus olhos olhando?
Ou eles é que se negam
A ver o que aí está?
Será que já se fabricam
Novos óculos para o mundo?
Prá ver se bem lá no fundo,
A gente pode encontrar
A paz e o respeito
O amor e o direito?
Irmão meu, que bom seria
Se o homem então enxergasse
Se toda gente assim trocasse
As lentes de ver a vida!
Ou então, como eu queria
Ver caírem cataratas, miopia
Do egoísmo e da violência,
Ver abrirem-se os sorrisos
Da fartura, da alegria
No colírio da decência!



TEM POUCA DIFERENÇA(adaptação – Grupo Abaecatu)

Que diferença da mulher o homem tem
Espera aí que eu vou dizer meu bem
Que diferença da mulher o homem tem
Espera aí que eu vou dizer meu bem
É que o homem tem cabelo no queixo
Tem o peito cabeludo e a mulher não tem
É que o homem tem cabelo no queixo
Tem o peito cabeludo e a mulher não tem
No paraíso um dia manhã
Adão comeu maçã, Eva também comeu
Então ficou Adão sem nada, Eva sem nada
Se Adão deu mancada, Eva também deu.
Mulher tem duas pernas, tem dois braços,
duas coxas
Um nariz e uma boca e tem muita inteligência
O bicho homem também tem do mesmo jeito
Se for reparar direito, tem pouquinha diferença.
Negro ou oriental, índio ou homossexual
Tem nenhuma diferença
Magro, novo, gordo ou velho
ou portador de deficiência
Tem nenhuma diferença,
hare crishina ou ateu
cristão ou de qualquer crença
tem nenhuma diferença,
morador do Pinheirinho
na rua ou em residencia
tem nenhuma diferença
tem nenhuma diferença



FALA (Enéias) Pedacos de alguém tão comum escancarando a triste situação de tantas crianças do Brasil.
MÃO DO LIXO (Tiago de Mello) e **ABANDONO** (Antonio Camargo de Maio, Valcir José de Brito e Tijolo)

MÃO DO LIXO

A mão com que eu cato o lixo
Não é a mão que eu devia ter
Não tenho para ganhar, na mesa da minha casa
O pão bom de cada dia.
E porque não tenho, aqui estou
Catando lixo dos outros
O resto que virou lixo.
Não importa se ficou sujo
Se os urubus beliscaram
Se ratos roeram pedaços.
Mesmo estragado me serve
Porque FOME NÃO TEM LUXO!
A mão com que eu cato o lixo
Não é a mão que eu devia ter
Mas a mão que a gente tem
É feita pela Nação!
Quando como coisa podre
Depois me contorço de dor
E fico pensando: tomara que esta dor um dia doa
Em quem tem tanto, mas tanto
Que transforma pão em lixo.
Com meus dedos no monturo
Sinto-me lixo também.
Não pareço, mas sou criança
Por isso, enquanto procuro
Restos de vida no chão,
Uma fome diferente,
Quem sabe é o pão da esperança,
Aquece meu coração:
QUE UM DIA, CRIANÇA NENHUMA, TIRE DO LIXO O SEU PÃO!



ABANDONO

É tão triste, ao caminhar pela cidade,
Ver de perto a realidade
Que atravessa essa nação.
Como pode, num país tão fascinante,
Vermos coisas tão chocantes,
Que nos corta o coração?
O menino que devia estar na escola,
Estudar, brincar de bola,
E jamais ser esquecido,
Mas está lá no farol pedindo esmola,
Seu brinquedo é craque, é cola,
Seu futuro é ser bandido.
Aonde estão os homens que tem o dever
e a obrigação de fazer Mudar essa realidade?
Aonde estão? Eu sei que ainda existe alguém
honesto, honrado e de bem, Que ama o Brasil de verdade.
Vem a noite, outra vez começa o drama,
A calçada vira cama,
O jornal é o cobertor.
Como pode num país que é tão rico,
Vermos coisas deste tipo,
Que nos causa tanta dor?
Na verdade são tratados como bichos, como fera, como lixo.
Um descaso dos humanos.
É o retrato da miséria e da pobreza,
O que assusta é a frieza
O descaso e o abandono.



FALA (Enéias) Salário mínimo. Corrupção. Desvios do dinheiro público. Será que é bobagem ser honesto.

REALIDADE (Edemar Alves da Silveira) e **GENTE ESTÚPIDA** (Gilberto Gil)

Eu que nasci num povoado
E fui criado ao contento
E nem fome tenho passado.
Graças a Deus fui criado
Tendo todo o essencial,
Nunca dormi ao relento
Mas sofro ao ver num jornal
Que mostra a fome e a miséria...
Estas duas sangrias sérias
Num país continental!
(Enéias)
Num país continental!?
É triste mas é verdade,
Que do Oiapoque ao Chuí,
O que vemos por aqui,
Grassando na impunidade,
Só por terem imunidade
Outorgada por eleitores,
Deputados e senadores
Prefeitos e Vereadores
Metidos em corrupção...
E ninguém vai para a prisão
E nem devolve valores!
(Enéias)
E ninguém vai para a prisão
E nem devolve valores!

Eu sei que o País é imenso,
Mas bem maior é a safadeza,
(Enéias)
E ninguém vai para a prisão
E nem devolve valores!
Dos que acumulam riquezas
Sem escrúpulos ou bom senso.
(Enéias)
E ninguém vai para a prisão
E nem devolve valores!
Mas mesmo assim ainda penso
Que para igual não me presto
(Enéias)
E ninguém vai para a prisão
E nem devolve valores!
Se sobras pra mim são restos
O resto até é vantajoso,
(Enéias depois Marie)
E ninguém vai para a prisão
E nem devolve valores!
Num País que é vergonhoso
Alguém se dizer honesto!
(Enéias)
E ninguém vai para a prisão
E nem devolve valores!

GENTE ESTÚPIDA (Gilberto Gil)

Nos barracos da cidade
Ninguém mais tem ilusão
No poder da autoridade
De tomar a decisão
E o poder da autoridade,
se pode, não faz questão
Mas se faz questão, não
Consegue
Enfrentar o tubarão
Ôôô , ôô
Gente estúpida
Ôôô , ôô
Gente hipócrita
E o governador promete,
Mas o sistema diz não
Os lucros são muito grandes,
Grandes... ie, ie
E ninguém quer abrir mão, não

Mesmo uma pequena parte
Já seria a solução
Mas a usura dessa gente
Já virou um aleijão

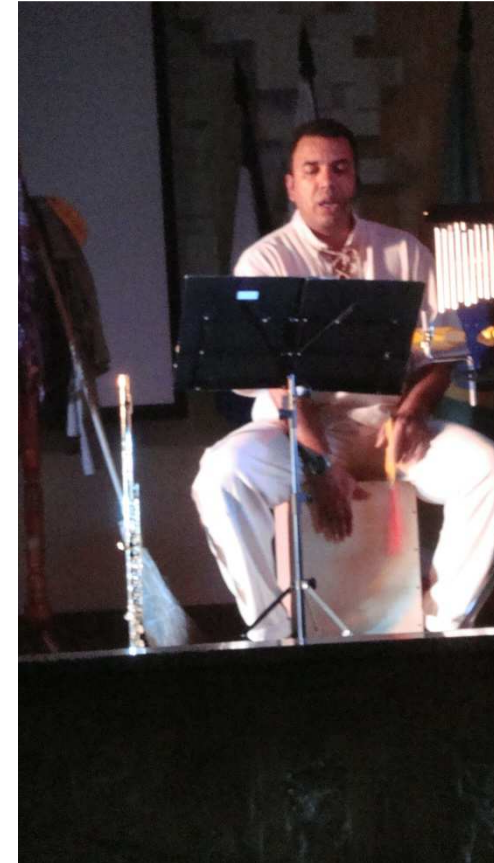
Ôôô , ôô
Gente estúpida
Ôôô , ôô
Gente hipócrita
Ôôô , ôô
Gente estúpida
Ôôô , ôô
Gente hipócrita
Ôôô , ôô
Gente estúpida
Ôôô , ôô
Gente hipócrita

Fala (Enéias): E qual será nossa atitude diante de tantos desmandos?
NUNCA MAIS (Joaquim Adauto Prado e José Farid Zaine)

Que dirá de nós o futuro
Se a gente nada fizer
Se a gente só se esconder
Enquanto explode lá fora?
Que dirão os nossos filhos
Ao pesquisarem a história
Entenderam este escuro
Que nos envolve agora?
Valerão as nossas armas
Feitas de verso e canção?
Valerá toda poesia
Registro de nossa emoção?
Que dirá de nós o tempo
Debruçado na memória
Sobre o nosso pobre tempo
Paisagem dilacerada?!

(Enéias canta ao mesmo tempo em que Márcia declama)

São as loucas da Plaza de Maio
É a mãe que enfrenta o fuzil
Feridas abertas no Chile
Cicatrizes do Brasil.



FALA (Mari) E como tratar do nosso próprio comodismo, da apatia que assumimos a cada dia?
EU SEI, MAS NÃO DEVIA (Marina Colasanti) e **TOCANDO EM FRENTE** – (Almir Sater)

Enéias: Eu sei que a gente se acostuma, mas não devia.

Marcia: A gente se acostuma a morar em apartamento de fundos e a não ter outra vista que não as janelas ao redor.

MARI: E porque não tem vista, logo se acostuma a não olhar para fora.

Enéias: E porque não olha para fora, logo se acostuma a não abrir de todo as cortinas.

Marcia: E porque não abre as cortinas, logo se acostuma a acender cedo a luz.

MARI: E à medida que se acostuma, esquece o sol, esquece o ar, esquece a amplitude.

Enéias: A gente se acostuma a acordar de manhã, sobressaltado porque está na hora.

Marcia: A tomar café correndo porque está atrasado.

MARI: A ler jornal no ônibus porque não pode perder o tempo da viagem.

Enéias: A comer sanduíche porque não dá pra almoçar.

Marcia: A sair do trabalho porque já é noite.

MARI: A cochilar no ônibus porque está cansado.

Enéias: A deitar cedo e dormir pesado sem ter vivido o dia.

Marcia: A gente se acostuma a esperar o dia inteiro e ouvir no telefone: hoje não posso ir.

MARI: A sorrir para as pessoas sem receber um sorriso de volta.

Enéias: A ser ignorado quando precisava tanto ser visto.

Marcia: A gente se acostuma a pagar por tudo o que deseja e o que necessita.

MARI: E a lutar para ganhar o dinheiro com que pagar.

Enéias: E a pagar mais do que as coisas valem.

Marcia: E a saber que cada vez pagará mais.

MARI: E a procurar mais trabalho, para ganhar mais dinheiro, para ter com o que pagar nas filas em que se cobra.

Enéias: A gente se acostuma à poluição.

Marcia: À luz artificial de ligeiro tremor.

MARI: Ao choque que os olhos levam na luz natural.

Enéias: Às besteiras das músicas, às bactérias da água potável.

Marcia: À contaminação da água do mar.

MARI: À lenta morte dos rios.

Enéias: Em doses pequenas, tentando não perceber, vai afastando uma dor aqui, um ressentimento ali, uma revolta acolá.

Marcia: Se o cinema está cheio, a gente senta na primeira fila e torce um pouco o pescoço.

MARI: Se a praia está contaminada, a gente só molha os pés e sua no resto do corpo.

Enéias: Se o trabalho está duro, a gente se consola pensando no fim de semana.

Marcia: E se no fim de semana não há muito o que fazer, a gente vai dormir cedo e ainda satisfeito porque tem sono atrasado.

MARI: A gente se acostuma a coisas demais, para não sofrer.

Enéias: A gente sofre porque se acostuma a coisas demais.

Marcia: A gente se acostuma até com a corrupção!!!

MARI: Eu sei que a gente se acostuma...

Enéias, Marcia e Mari: MAS NÃO DEVIA!

Tocando em frente

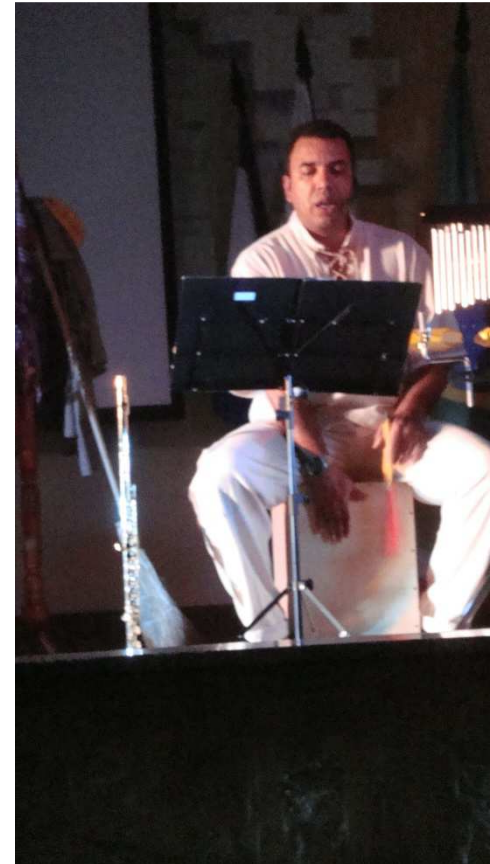
Ando devagar porque já tive pressa
E levo esse sorriso, porque já chorei demais
Hoje me sinto mais forte, mais feliz quem sabe
Só levo a certeza de que muito pouco eu sei, eu nada sei
Conhecer as manhas e as manhãs,
O sabor das massas e das maçãs,
É preciso o amor pra poder pulsar,
É preciso paz pra poder sorrir,
É preciso a chuva para florir.
Penso que cumprir a vida seja simplesmente
Compreender a marcha, e ir tocando em frente
Como um velho boiadeiro levando a boiada,
Eu vou tocando os dias pela longa estrada eu vou,
De estrada eu sou
Todo mundo ama um dia, todo mundo chora,
Um dia a gente chega, no outro vai embora,
Cada um de nós compõe a sua história,
E cada ser em si, carrega o dom de ser capaz, e ser feliz.
Ando devagar porque já tive pressa
E levo esse sorriso porque já chorei demais
Cada um de nós compõe a sua história,
E cada ser em si, carrega o dom de ser capaz,
De ser feliz...



FALA (Marcia) Sonhos e utopias. Exemplos do que já foi feito e esperança no que ainda pode ser. E nós? O que podemos fazer?

CORAÇÃO CIVIL - Milton Nascimento e Fernando Brant

Quero a utopia, quero tudo e mais
Quero a felicidade nos olhos de um pai
Quero a alegria muita gente feliz
Quero que a justiça reine em meu país.
Quero a liberdade, quero o vinho e o pão
Quero ser amizade, quero amor, prazer
Quero nossa cidade sempre ensolarada
Os meninos e o povo no poder, eu quero ver
São José da Costa Rica, coração civil
Me inspira no meu sonho de amor Brasil
Se o poeta é o que sonha o que vai ser real
Bom sonhar coisas boas que o homem faz
E esperar pelos frutos no quintal.
Sem a polícia, nem a milícia, nem feitiço, cadê poder?
Viva a preguiça, viva a malícia que só a gente é que sabe ter
E assim vivendo a minha utopia eu vou levando a vida
Eu vou viver bem melhor
Doido prá ver meu sonho teimoso um dia se realizar



Fala (Marcia): Brasil, 1968 – III Festival Internacional da Canção. Uma música se transforma no Hino da Resistência ao Regime Militar. Ao término da sua execução, seu intérprete foi retirado do palco por policiais. Exilou-se no Chile e depois na França, retornando ao Brasil em 1973, quando então gravou entrevistas para os Programas Flávio Cavalcanti e Fantástico, ambas censuradas. De lá para cá mudanças substanciais ocorreram, exemplo disso é que essa composição foi utilizada para publicidade, em 2006, das Políticas de Educação ProUni e ENEM. Estamos falando de Geraldo Vandré. Figuras como a dele, marcadas pela resistência ao Regime Militar, são, muitas vezes, tidas como criminosas, no entanto, se vivêssemos hoje no mesmo regime em que vivia o Brasil em 1968, com certeza sairíamos daqui escoltados por policiais.

PRA NÃO DIZER QUE NÃO FALEI DAS FLORES (Geraldo Vandré)

Caminhando e cantando
E seguindo a canção
Somos todos iguais
Braços dados ou não
Nas escolas, nas ruas
Campos, construções
Caminhando e cantando
E seguindo a canção

Vem, vamos embora
Que esperar não é saber
Quem sabe faz a hora
Não espera acontecer

Os amores na mente
As flores no chão
A certeza na frente
A história na mão
Caminhando e cantando
E seguindo a canção
Aprendendo e ensinando
Uma nova lição

Vem, vamos embora
Que esperar não é saber
Quem sabe faz a hora
Não espera acontecer



CANÇÃO DO EXÍLIO (Gonçalves Dias)

Minha terra tem palmeiras,
Onde canta o Sabiá;
As aves, que aqui gorjeiam,
Não gorjeiam como lá.

Nosso céu tem mais estrelas,
Nossas várzeas têm mais flores,
Nossos bosques têm mais vida,
Nossa vida mais amores.

Em cismar, sozinho, à noite,
Mais prazer eu encontro lá;
Minha terra tem palmeiras,
Onde canta o Sabiá.

Fala (Marcia) Gonçalves Dias escreveu **CANÇÃO DO EXÍLIO** ainda em 1847

FALA (Marcia): Tudo está em nossas mãos! E todos nós podemos plantar, mesmo que pouco, pois, para o solo fértil, basta uma semente. Esse é o objetivo deste projeto: contribuir para transformar a nossa pátria Brasil em um país mais justo, ético e solidário. Cada um de vocês está convidado a ser um disseminador dessa idéia. E não é preciso muito esforço, basta que deixemos aflorar em nós a criança adormecida, e então todas as respostas serão encontradas.

O QUE É, O QUE É (Gonzaguinha)

Eu fico com a pureza da resposta das crianças

É a vida, é bonita e é bonita

Viver, e não ter a vergonha de ser feliz

Cantar e cantar e cantar

A beleza de ser um eterno aprendiz

Ah, meu Deus, eu sei, eu sei

Que a vida devia ser bem melhor e será

Mas isso não impede que eu repita

É bonita, é bonita e é bonita

Outras poesias

ODE AO BURGUEÊS - *Mário de Andrade*

EPÍLOGOS - *Gregório de Matos*

OPERÁRIO EM CONSTRUÇÃO - *Vinícius de Moraes*

Romance I ou da Revelação do Ouro (Romanceiro da Inconfidência) - *Cecília Meireles*

Outras músicas

GERAÇÃO COCA-COLA - Legião Urbana

BRASIL - Cazuza

Até quando esperar – Plebe Rude

Esta mesa nos ensina –

HOMEM NA ESTRADA - *Racionais MC's*

ÍNDIOS - Legião Urbana

A MINHA ALMA - *O Rappa*

Decididamente – Vinícius de Moraes e Edu Lobo

Lamento de João - Vinícius de Moraes e Edu Lobo

“O único passo entre o sonho e a realidade é a atitude”



Música, Poesia e Cidadania